

A importância das quebradeiras de coco babaçu no Bico do Papagaio num mercado informal de trabalho: buscando a autonomia pela resistência

Hellen Camilly Santos Costa¹ Dalila de Souza Barbosa², Edinho Benésio Santos³

Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: camillysantos75513@gmail.com¹Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: dalilasouzalila87@gmail.com². Mestrado em Filosofia na Universidade Federal do Tocantins – UFT e Professor EBTT no IFTO, Campus Colinas. e-mail: edinho.santos@ifto.edu.br.

Resumo: A pretensão da pesquisa é discutir as experiências das quebradeiras de coco como um lugar de fala, como um espaço em que a autonomia é imprescindível. Essa força reveladora da mulher camponesa, quebradeira de coco babaçu, é mostrada na sua atividade enquanto alguém que busca construir, subjetivamente, uma experiência de vida que leva em conta os seus anseios, sem perder de vista o cuidado com o mundo, através de um trabalho de caráter sustentável. Nesta linha de pensamento, a pesquisa faz alusão ao descaso em que está acontecendo com um projeto de sustentabilidade, extinguindo a existência das palmeiras. Este estudo é um apelo para que a história das quebradeiras de coco babaçu do Bico do Papagaio se torne conhecida, mostrando seus desejos e suas dificuldades nessa atividade-, despertando nas entidades governamentais ou não governamentais o interesse para poder investir nesse setor de trabalho, a fim de minimizar tantas dificuldades encontradas. Foi um trabalho orientado pelo professor Edinho Benésio Santos, com pretensões de fundamentar a pesquisa e difundi-la em outros momentos.

Palavras-chave: coco babaçu, quebradeiras, resistência, trabalho

1 INTRODUÇÃO

Antes de tudo, busca-se fazer uma contextualização histórica do trabalho das quebradeiras de coco babaçu no Bico do Papagaio e, conseqüentemente, ventilar sobre a importância dessa atividade para o aumento da renda familiar, conhecer as agentes desse processo, seus relatos, a satisfação na realização desse trabalho árduo, e a inserção dessas mulheres na sociedade como pessoas autônomas.

A importância da pesquisa se revela a partir das experiências de várias quebradeiras de coco do Bico do Papagaio. “A região do Bico do Papagaio está na posição norte do Estado do Tocantins. Quanto ao nome Bico do Papagaio, este se deve aos contornos dos rios Tocantins e Araguaia, que desenharam o formato de um bico de papagaio” (ALMEIDA; BRITO, 2017, p. 232). A pretensão é difundir este trabalho, esperando que as pessoas que estejam inseridas em tal atividade possam ser valorizadas.

Com a ideia de produção, acontece a descaracterização da atividade das quebradeiras do babaçu. Por ser pouco valorizada, a atividade das quebradeiras se torna insustentável. E a tendência é de que no futuro, essas mulheres deixam de cultivar o coco babaçu, embora exista o “Small Grants Programme (SGP) do Fundo Mundial para o Meio Ambiente (GEF), que trabalha com apoio a projetos comunitários em mais de 120 países em todo mundo” (ÁVILA; SILVA; CARRAZA, 2002. p. 07).

O desmatamento é uma grande ameaça para aquelas que cultivam o babaçu. E quando o INPE divulga dados alarmantes no mês de Agosto de 2019, essa crise pode ser associada aos desejos exacerbados de grandes capitalistas que colocam a ideia de produção acima da noção de sustentabilidade. A intensão não é criticar a produção em si, mas o modo como isso pode afetar o mundo.

1. Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais.

Portanto, o objetivo é que as quebradeiras de coco babaçu apareçam, que elas se sintam participe direto na construção de uma nova região em ascensão. Tal construção foge da velha lógica imposta pelo Estado, desvalorizando um trabalho que é uma ramificação da economia na região do extremo Norte do Tocantins. Muitas quebradeiras de coco babaçu são deixadas de lado como inaptas para pensar a construção de um projeto de nação. No entanto, são elas que ajudam no extrativismo e manejo do babaçu.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada é de cunho qualitativa, operacionalizada por meio da pesquisa de acordo com e experiências básicas das quebradeiras. A pesquisa bibliográfica consistiu em buscar nas dissertações, teses, artigos científicos e anais de eventos que cooperaram para nortear essa pesquisa. Depois de fazer análises de textos sobre o assunto, buscou-se perquirir qualitativamente a experiência das quebradeiras de coco para poder compreender sua história, seu modo operante, partindo de vivências, coletando dados e evidências a partir dos questionários aplicados em entrevistas realizadas. Aconteceu conversas informais, que possibilitou diversas experiências das quebradeiras de coco babaçu. Por se tratar de pessoas que não puderam estudar (analfabetas), as entrevistas sempre foram preenchidas pelos/as pesquisadores/as. Para a efetivação do trabalho foi realizada visita em Julho de 2019 aos municípios de Axixá do Tocantins, Buriti, Praia Norte, Sítio Novo, povoado Juverlândia, Assentamento Babaçu, povoado Grotão, Alto do Zumbi, Passagem Franca, Assentamento Mamédio e São Miguel. Todas essas cidades supracitadas fazem parte da região do Bico do Papagaio.

3. DA BUSCA POR TERRAS À CONSERVAÇÃO DO COCO BABAÇU NO BICO DO PAPAGAIO

Nos anos 80 vários movimentos ajudaram na conscientização e reconhecimento da autonomia das quebradeiras do coco babaçu na região do Bico do Papagaio. Dentre esses grupos que ganharam força a nível de Brasil podem ser destacados os seguintes: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a Associação de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu (AMQCB), o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA), Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST), e claro, Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (ASMUBIP). Boa parte desses movimentos, embora não tendo sido criado propriamente no Tocantins, ainda assim ganhou força nessa região. Muitas pessoas foram à luta brigar para ter espaço na sociedade, serem reconhecidas como trabalhadores (as) detentoras de direitos. Um dos grandes símbolos de resistência no Bico do Papagaio que tentou colocar em prática as ideias desses movimentos foi o padre Josimo Tavares², (da Diocese de Tocantinópolis – TO),

2. Padre Josimo foi uma grande líder da igreja Católica Apostólica Romana que morreu lutando por Reforma Agrária na região do Bico do Papagaio. Sua última paróquia como sacerdote foi em São Sebastião do Tocantins.

homem que lutou até a morte por uma minoria que não tinha representatividade, ocorrida em 1986 por fazendeiros em Imperatriz Maranhão.

Os conflitos agrários só intensificaram ainda mais a luta por direitos de pessoas exercerem suas atividades mesmo sendo informal, bem como despertou nessas mulheres o desejo de se organizarem ainda mais em busca de conquistar espaço na sociedade. Desse modo, as mulheres começaram a perceber a necessidade de associar-se para travar uma luta coletiva contra todos aqueles que queriam impor uma ideologia dominante.

O coco babaçu é um objeto pouco conhecido no mundo. Países que encontra –se o coco babaçu, além do Brasil são: Suriname, Guiana e Bolívia. No Brasil, os babaçuais ficam concentrados nos Estados de Goiás, Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins. Sua maior concentração é no Maranhão, correspondendo 90% da produção. A nível de Brasil, muitas pessoas desconhecem sua existência, inclusive pessoas do meio acadêmico. Embora se sabe que a discussão acerca do babaçu não é recente. “De fato, o coco babaçu passou a ser intensamente estudado do ponto de vista econômico a partir de 1914, [...] quando o produto obteve expressão no mercado, [...], especialmente na indústria alimentícia e de combustíveis e lubrificantes” (BARBOSA, 2013, p. 42).

Uma das fundadoras do movimento MIQCB3, que compreende (Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins), foi Dona Raimunda Gomes da Silva, ativista política e líder comunitária, que lutou incansavelmente pelo reconhecimento do trabalho exercido pelas quebradeiras do babaçu no extremo norte do Tocantins. Ganhou o título de Doutora Honoris causa pelo Universidade Federal do Tocantins e viajou por vários países difundindo ideias do movimento das quebradeiras de coco babaçu, se tornando símbolo de luta e resistência na maior parte do mundo, sendo apontada entre as mil mulheres merecedoras do prêmio Nobel da Paz em 2005. Faleceu aos 78 anos no povoado de Sete Barracas, município de São Miguel, em Novembro de 2018. Ela ficou popularmente conhecida como Dona Raimunda Quebradeira de Coco por se autodeclarar assim.

3. 1. Visão do coco babaçu e sua utilidade

O coco foi e continua sendo símbolo de resistência, de pessoas que querem afirmar-se como autônomas. Cotidianamente as quebradeiras de coco tem que concorrer com grandes empresas aparelhadas com técnicas bastante avançadas para seu cultivo, e pecuaristas que modulam a terra de tal maneira vindo a prejudicar o extrativismo, pensando em pastagens nas propriedades. “Um dos elementos que perpassa todo o processo de afirmação das quebradeiras reside na busca de autonomia nas relações com seus maridos/companheiros e na igualdade de espaços, a partir da qual elas possam mais efetivamente participar das tomadas de decisão no âmbito familiar” (BARBOSA, 2007, p. 690).

Essa luta para quebrar o coco babaçu passa pela Lei do Babaçu Livre, que poderia ter sido melhor implementada se o projeto de número 747-A da deputada federal Terezinha Fernandes do (PT-

MA), tivesse sido aprovado em 2003. Mas infelizmente foi arquivado em 2007. Novamente foi criada uma Lei de nº 1.959 de 14 de Agosto de 2008 com o mesmo viés do projeto 747-A, que disponha assegurar a proibição da queima, da derrubada da palmeira, extinguindo o coco babaçu. Esse projeto seria ruim para os fazendeiros que querem ter um controle total das suas terras.

As leis do ‘babaçu livre’ trazem em seu conteúdo os ideais de igualdade e de solidariedade, exercitados, na prática, pelas quebradeiras de coco. Quando elas saem para ‘caçar o coco’, respeitam os diversos costumes, como o de nunca cortar o cacho inteiro do coco, pois, se assim o fizerem, apenas uma única família ganha; por outro lado, deixando o coco cair naturalmente, respeitando o seu ciclo vital, qualquer uma poderá fazê-lo. (NETO, 2017, p. 156).

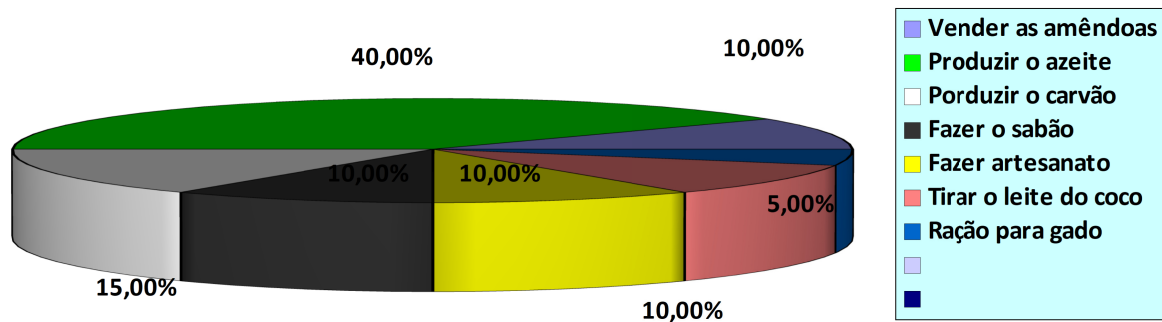
Os fazendeiros, em alguns momentos, não gostavam e não gostam das mulheres colher o coco nas suas terras. Essa ideia se fortalece com um projeto do ex-presidente José Sarney, que atende muito mais a vontade dos grandes fazendeiros. De acordo com Almeida e Mourão (1979) as consequências da chamada Lei de Terras do Sarney (Lei n. 2.979, de julho de 1969) aconteceu a devolução das terras ao Estado, ocupadas pelas quebradeiras de coco e suas famílias, às empresas agropecuárias e pecuaristas”. Diante das ameaças, as mulheres não contam com políticas de governos para poder desenvolver suas atividades. Não existe um reconhecimento da atividade das quebradeiras de coco por parte do Estado.

O fato de pensar a atividade do coco babaçu como uma forma de empoderamento, possibilita da mulher traçar novos objetivos na sua vida, sem contudo, acreditar que deve ficar submissa ao seu marido, esperando apenas que ele trabalhe e, conseqüentemente, diga as normas da casa. “Para as quebradeiras, ter rendimento oriundo da coleta e quebra do coco lhes garante uma maior autonomia, pois, com o recurso, podem definir melhor a maneira como gastá-lo, ficando menos sujeitas a seus próprios companheiros” (NETO, 2017, p. 152). Foi assim que novas lideranças começaram a surgir em meio a tal atividade. De uma simples atividade rudimentar, pode-se pensar diferentes contornos no futuro para as mesmas pessoas. A luta feminina por um reconhecimento na sociedade, por buscar uma emancipação, vem antes mesmo do movimento feminista, em 1960.

3. 2. Figuras

Em uma entrevista feita com 20 pessoas sobre o coco babaçu nas cidades de Esperantina, Sítio Novo, Augustinópolis, Axixá, Praia Norte e São Miguel veja o resultado a seguir:

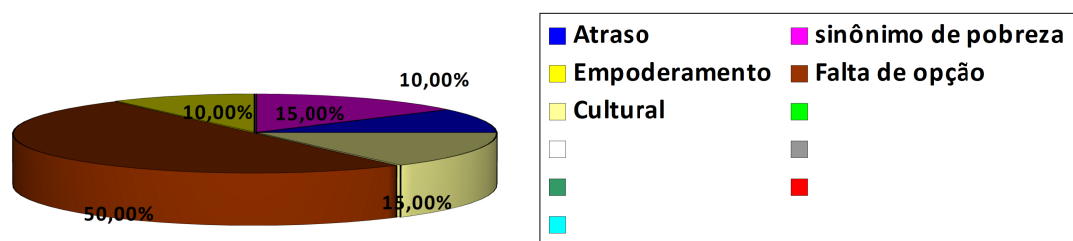
Gráfico 01– Do aproveitamento do coco babaçu pelas quebradeiras do Bico do Papagaio



O que se percebe é que a venda das amêndoas⁴ diminuiu nos últimos tempos. As mulheres estão percebendo que podem lucrar de outra forma. Algumas quebradeiras de coco já são donas de terras e possuem gado, buscando alimentá-lo na época da secagem com a ração do coco. Essa prática ainda é recente, pois nem todas as famílias que cultivam o coco tem dinheiro para comprar a máquina e fazer ração.

As quebradeiras de coco desenvolvem essa tarefa sem muito clamor, pois são oriundas de famílias que sempre trabalharam na roça, debaixo de sol e chuva. Diante de todos esses riscos, realizou-se uma pesquisa com 20 pessoas quebradeiras não quebradeiras entre 20 a 75 anos no Bairro Siqueira Campus, na cidade de Axixá do Tocantins, para saber o que elas pensam sobre essa atividade.

Gráfico 04 - O que representa o coco babaçu?



Na pesquisa, muitas pessoas não acreditam no potencial do babaçu, desconhece sua utilidade, quando expressa-o como atraso ou sinônimo de pobreza. Acredita que é melhor deixar a ideia de coco de lado e visar outros projetos de vida que podem trazer resultados imediatos e melhores para uma ascensão social. As pessoas que cogitaram empoderamento e cultura entendem que as mulheres são livres e devem se posicionar como quer, sendo também marcadas por valores, por crenças que influenciaram a sua vida até os dias atuais. Foi constatado também que algumas mulheres quebram o coco por falta de opções. Algumas mulheres não se identificam com aquilo que fazem, mas por necessidade não deixa de fazê-lo, por entender que se trata de uma questão de sobrevivência, de sustento para a casa.

⁴ As amêndoas são os bagos do coco, que só aparece depois que o mesmo for quebrado. Trata-se de um alimento rico em cálcio e magnésio. Geralmente essas amêndoas ricas em nutrientes podem ser encontradas de quatro a seis “bagos” no mesmo coco.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O babaçu é tipicamente uma palmeira do bioma da Mata dos Cocais, chegando até 20 metros de altura. Da mesma palmeira, geralmente os homens cortam palhas para fabricar casas, fazer quibano⁵, cofó⁶, balaio, cestos, artesanatos como brincos, e outros mais. Ademais, muitas mulheres buscam cultivar o babaçu para tirar o azeite das amêndoas, o sabão, o leite de coco, a farinha altamente nutritiva do mesocarpo (para a produção de bolos, biscoitos, mingaus e outros), fazer carvão da casca, do caule do coco se extrai adubo, servindo de alimento para o gado. O carvão pode ser tanto o comum como o vegetal, sendo o último atualmente produzido na região norte do Tocantins pela empresa Tobasa, situada em Tocantinópolis. Também, pode-se extrair o palmito, do pêndulo cortado para fabricar bebida alcoólica, através de um líquido nele existente. Em algumas culturas babaçuais, até o gongo⁷ do coco é aproveitado, geralmente costuma-se fritá-lo, tendo o mesmo um toque picante. Além disso, da palmeira do coco babaçu, pode-se tirar o esterco para colocar em plantas e hortas; isso acontece quando as palmeiras começam a se decomporem no chão. Do coco também pode-se fazer margarina, banha de coco e até produção de cosméticos. Através de um trabalho de esclarecimentos da ASMUBIP, muitas quebradeiras de coco babaçu tem tomado conhecimento de que a amêndoa do babaçu é bastante rica em fibras, além de sais minerais, amido e enzimas.

A partir de 92, a ASMUBIP passou a comprar amêndoas das quebradeiras e transformá-las em óleo. Essa atividade foi interrompida no início dos anos 2000 em virtude de dificuldades enfrentadas – manutenção de capital de giro, queda no preço da amêndoa-, embora a associação tenha mantido o papel de fortalecimento das mulheres e incentivando a comercialização coletiva dos núcleos (NETO, 2016, p. 34).

Atualmente as quebradeiras costumam usar a forrageira ou moinho para triturar as amêndoas. Mas até a década de 90 o coco era moído no pilão⁸, um trabalho árduo, mas que ajudava no consumo da casa quando o azeite estava pronto. A forrageira acelera a produção de azeite. Com o azeite, as mulheres fazem não apenas comida, como também ajudam no sustento familiar, vendendo o litro por 15 ou 20 reais.

O babaçu é quebrado com um machado, batendo no mesmo com um porrete de madeira bem apropriada para tal atividade. Com o machado bem amolado, as mulheres colocam o coco sob sua lâmina para ser quebrado, dando-lhes golpe em cima do machado com o porrete. É um processo lento,

5. O Quibano é um instrumento feito da palha palmeira em formato geralmente arredondado. Costuma ser usado para peneirar arroz, feijão e até farinha quando tirada do forno. Esse instrumento é típico da cultura nordestina.

6. Assim como o quibano, o cofó é feito da palha da palmeira. O cofó pode ser tanto com alça como sem alça, podendo ser usado para transportar ou guardar alguns objetos.

7. Gongo é o nome em que a cultura nordestina e norte costumam adjetivar a larva que aparecem nas amêndoas do coco num formato de besouro. O gongo pertence à família dos bruquídeos, nos quais se encontram espécies que caruncham os grãos e sementes, não servindo mais para serem consumidos.

8. O pilão é um instrumento de madeira, em formato arredondado, que servia para pilar arroz, triturar as amêndoas do coco e outros alimentos.

que só analisa melhor o resultado ao final do dia. Algumas mulheres são mais habilidosas para quebrar o coco, outras quebram lentamente.

Os trabalhadores, geralmente mulheres e crianças acima de 10 anos, sentados no chão, seguram com os pés um machado, cujo gume é dirigido para cima. O coco é colocado sobre o gume e são aplicadas pancadas com um pau ou um macete, até que o mesocarpo e o endocarpo partam-se e as amêndoas possam ser retiradas. Primeiro, o coco é fendido em duas partes e depois, até a soltura completa das amêndoas, as partes continuam sendo trabalhadas da mesma maneira. (MUTO; SOLER; VITALI, 2007, p. 02).

Depois do coco quebrado, somando todo o trabalho que as quebradeiras tinham para manter parte da economia da casa, trata-se de uma experiência um tanto desgastante. Muitas delas possuíam jumentos como um meio de transporte para carregar o coco babaçu até sua casa. Colocava-se os cocos dentro dos Jacás⁹ que fica na cangalha¹⁰ em cima do animal. Muitas pessoas carregavam o coco até 5km de distância no jumento. “Como são muito pesados, este tipo de prática vem sendo substituído pelo emprego de animais de carga e até mesmo pelo transporte em bicicletas, motocicletas e pequenos tratores, geralmente realizado pelos filhos das quebradeiras” (ÁVILA; CARRAZA; SILVA, 2012, p. 20).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mostrar a importância do babaçu, foi antes de tudo, expressar uma história de vida, um trabalho árduo, construído a partir do desejo de mudar uma realidade. Ela se deu a partir das descrições de como era exercida a prática do coco babaçu. A pesquisa visou mostrar a atividade das quebradeiras frente a uma situação marcada pelo sistema que pouco valoriza esse tipo de trabalho informal.

Existem vários fatores que atestam a importância de fazer uma reflexão sobre a atividade das quebradeiras de coco babaçu no Bico do Papagaio. Pode-se dizer que as mulheres nesse contexto são exigentes, querem fazer parte da mudança do mundo, ajudar na construção de um território que seja um processo de seu próprio esforço e não aceitar o dado. Mesmo sendo rudimentar e informal, as mulheres têm pretensões de atender parte da economia na casa, pois a ausência de políticas de governos voltadas para pensar a utilidade dos babaçuais, não possibilita um projeto para melhorar a vida de pessoas de renda baixa.

Assim, pois, a execução deste artigo se deu a partir do momento em que se começou pensar a história da quebradeira de coco, ao mesmo tempo, com o desejo de emancipação das mulheres que lutam para ajudar a manter sua casa a partir de um trabalho informal. Ao mencionar a importância da busca por autonomia com a quebra do coco babaçu, junto com isso as experiências dessas mulheres

9. O jacá tem uma forma de cesto ou balaio que no norte e nordeste costuma ser usado para transportar muitas coisas, dentre elas o coco babaçu.

10. A cangalha costuma ser chamada também de “cangaia” no nordeste e norte, por ter um formato aberto, estilo alicate. Ela sustenta os dois jacás levados pelo jumento, ficando um de cada lado.

que praticam tal atividade revelam a utilidade desse produto, bem como conseguem passar para a população maneiras de como explorar a natureza sem agredi-la.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. M; BRITO, E. P. Sentido e organização do trabalho das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio, Tocantins. **Geosul**. Florianópolis, v. 32, n. 63, p 229-248, jan/abr. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Edinho%20Ben%C3%A9sio%20Santo/Downloads/36840-172164-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Edinho%20Ben%C3%A9sio%20Santo/Downloads/36840-172164-1-PB%20(2).pdf). Colinas –TO, acesso em: 20/05/2019.
- ÁVILA, J. C. C; CARRAZA, L. R; SILVA, M. L; **Manuela Tecnológico de Aproveitamento integral do Fruto do Babaçu**. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), 2002.
- BARBOSA, V. O. **Na terra das palmeiras: gênero, trabalho e identidades no universo de quebradeiras de coco babaçu no Maranhão**. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- BARBOSA, V. O. **Mulheres do babaçu: gênero, materialismo e movimentos sociais no Maranhão**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1449.pdf>. Colinas –TO, acesso em: 01/09/2019.
- BARBOSA, V. O. Sou quebradeira eu sou! Quebrando coco eu vou! Movimento social, gênero e identidades. **II SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTO SOCIAIS PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA**. Florianópolis: UFSC, 2007. <http://npms.cfh.ufsc.br/files/2017/03/II-Seminario-Nacional.pdf>. Colinas – TO, acesso em: 25/08/2019.
- MESQUITA, L. V. P; VELÔSO, K. L. S; LEONARDO, V. P. M, 2012, p. 01. **QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: dependência do babaçu livre**. 2012, Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/quebradeiras-de-coco-babacu/84295/>. Colinas –TO, acesso em: 14/09/2019.
- MUTO, E. F; SOLER, M. P; VITALI, A. A. **Tecnologia de quebra do coco babaçu (Orbignya speciosa)**. Ciênc. Tecnol. Aliment., Campinas, 27(4): 717-722, out.-dez. 2007 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cta/v27n4/07.pdf>. Colinas –TO, acesso em 10/09/2019.
- NETO, P. S. F. Sistematização da Produção de Azeite de Babaçu no Bico do Papagaio. In: ISHII, Selma Yuki. **Caderno de Agroecologia**. Tocantins/ Brasil: Alternativas para o bem viver, 2016.
- NETO, J. S. **Quebradeiras de coco: “babaçu livre” e reservas extrativistas**, Veredas do Direito, Belo Horizonte. Janeiro/Abril de 2017, p. 149. v.14, n.28, p.147.